

A doutrina de negação da vontade de Schopenhauer à luz do conceito kantiano de grandezas negativas

João Gabriel Coterli Hank

Graduando em Filosofia na Universidade Federal do Paraná – UFPR
joao.coterli.hank@gmail.com

Resumo: O texto parte das considerações que Schopenhauer faz acerca do *princípio de razão suficiente do agir* na sua dissertação *Sobre a quadríplice raiz do princípio de razão suficiente* e da negação da Vontade de vida nos §§68-70 de *O mundo como vontade e como representação*; e como a conduta relacionada a este conceito pode ser observada ao longo da história, seja no cristianismo ou nas religiões indianas, mostrando como é possível chegar à tal conhecimento. Em seguida, aliado ao texto kantiano sobre as grandezas negativas, mostro a inversão que Schopenhauer faz dos sinais do que é considerado positivo ou negativo, ou seja, ser e nada, devido a uma troca de perspectiva em consequência da chamada “viragem da vontade”.

Palavras-chave: Princípio de razão suficiente, grandezas negativas, negação da vontade, ascese, liberdade da vontade.

Introdução: Princípio de razão suficiente do agir

Na sua obra *Sobre a quadríplice raiz do princípio de razão suficiente* Schopenhauer denomina o “sujeito do querer” como sendo a quarta classe de objetos da faculdade de representação. Tal objeto se apresenta de forma *mediata* para o sujeito cognoscente e, para cada sujeito, há apenas *um* objeto correspondente nesta classe.

Como toda forma de conhecimento pode ser desmembrada entre sujeito e objeto (cognoscente e conhecido), aqui o que é conhecido aparece como vontade. Segundo Schopenhauer, com isso, “o sujeito conhece a si

mesmo apenas como *querente*, não, porém, como *cognoscente*. Pois o eu que representa, o sujeito do conhecer, jamais pode tornar-se, ele próprio, representação ou objeto”¹.

Para Schopenhauer, o querer é o “mais imediato de todos os nossos conhecimentos”². Para ele, todas as nossas ações, assim como de todos os animais, possuem causas, que aqui aparecem como motivos, e, a partir da nossa experiência interna, identificamos nossas ações como atos da vontade suscitados pelos motivos, que são representações. Então, nesta consideração, o princípio de razão suficiente aparece como *princípio de razão suficiente do agir* ou *lei da motivação*³. Por isso, para Schopenhauer, “tudo que se apresente à nossa fantasia e todos os juízos devem ter como causa um ato da vontade, que possui um motivo, mesmo que muitas vezes não consigamos percebê-los”⁴.

Negação da Vontade de vida em Schopenhauer

Schopenhauer parte da sua análise da conduta humana para mostrar que bondade, amor, etc., possuem a mesma origem que a negação da vontade de vida. Para ele, o ódio e a maldade originam-se no egoísmo, que tem origem no *principium individuationis*, e a visão que ultrapassa este princípio dá origem à justiça, ao amor, etc. Esta visão, ou conhecimento imediato da vontade nas suas aparências, faz com que o indivíduo não mais veja diferença entre si e os outros, e passe a enxergar que a sua essência é comum a todos os outros e,

¹ SCHOPENHAUER, 2019, p. 313, §41.

² SCHOPENHAUER, 2019, p. 319, §43.

³ SCHOPENHAUER, 2019, p. 321, §43.

⁴ SCHOPENHAUER, 2019, p. 323, §44.

portanto, considera os sofrimentos de todos como seu sofrimento. Passa a ver o mundo como sofrimento contínuo, infundável. Com isso vêm à sua cabeça a questão: “como posso continuar vivendo, quando identifico que o mundo é sofrimento sem fim?”.

Enquanto à pessoa ainda envolta no *principium individuationis* a todo momento aparecem motivos para continuar a querer, ao indivíduo que reconhece a essência das coisas este conhecimento se torna *quietivo* de todo querer. Neste ponto, ocorre o que Schopenhauer chama de “viragem da vontade”⁵, quando o indivíduo renúncia à vontade e entra em estado de completa resignação. Ao indivíduo que transpassa o *principium individuationis* nenhum consolo serve mais: “sua vontade se vira; ele não mais afirma a própria essência espelhada na aparência, mas a nega”⁶.

Os impulsos sexuais são expressões da vontade no seu corpo, ao negá-los suprime o seu corpo (aparência da vontade) e, com isso, também a própria vontade, portanto a castidade é o primeiro passo da negação da Vontade de vida e da ascese. Tais pessoas, enquanto aparências dessa vontade, ainda sentem o querer, mas agem contrário a ele intencionalmente; e vão além mortificando também o corpo, praticando o jejum, isto é, comem minimamente para o excesso não reanimar a vontade e, através destas privações, mortificá-la ainda mais, pois ela é a fonte de todo sofrimento. Por fim, a morte é bem recebida, pois é o fim da aparência da vontade, que, como essência, foi negada livremente. Com isso, não apenas seu corpo morre, mas também a essência é suprimida.

⁵ SCHOPENHAUER, 2015, p. 440, §68.

⁶ SCHOPENHAUER, 2015, p. 441, §68.

Schopenhauer identifica o comportamento relacionado com a negação da Vontade de vida com as ações e dogmas religiosos. Por mais diferentes que eles possam parecer, todos podem ser subsumidos sob a negação da Vontade de vida, ou seja, apenas se diferenciam quando são expostos através de conceitos e sofrem a influência dos diferentes dogmas. Isto porque, segundo ele, “o conhecimento do qual procede a negação da vontade é intuitivo e não abstrato, ele encontra a sua expressão perfeita não em conceitos abstratos, mas apenas nos atos e na conduta”⁷, tomando como exemplo a vida de São Francisco de Assis, que, segundo o filósofo, é personificação da ascese⁸.

Porém, para Schopenhauer, o relato sobre a negação da Vontade de vida pode ser mais facilmente encontrado nas obras de língua sânscrita do que no próprio cristianismo. Na ética hinduísta são encontrados preceitos como amor ao próximo, caridade, resignação, castidade e renúncia a todo prazer. Ou seja, tirando de lado os dogmas e costumes de cada povo, a essência deste comportamento é sempre a mesma, e, para ele, possui fonte na própria essência da natureza humana.

A experiência estética causa um estado de espírito semelhante ao da ascese. Na contemplação do belo somos por poucos instantes libertos de qualquer querer, tornamo-nos purificados de vontade. Mas este estado não é permanente, logo que a experiência termina voltamos ao mundo como aparência da vontade, e com isso todo querer também retorna. Mas, ao sujeito que se tornou espelho límpido do mundo, este estado não é estável, precisa negar sucessivamente, pois como seu corpo é “aparência no mundo como

⁷ SCHOPENHAUER, 2015, p. 445, §68.

⁸ SCHOPENHAUER, 2015, p. 446, §68

representação”⁹, enquanto viver, toda Vontade de vida se esforça para aparecer nele. Por isso a ascese implica uma vida penitente, uma busca voluntária do desagradável, tendo como fim a mortificação da vontade.

Schopenhauer cita um “segundo caminho” para atingir a negação da Vontade de vida. Através do sofrimento pessoalmente sentido, como a proximidade da morte, o indivíduo alcança a resignação, mas nestes casos o sujeito enfrenta grande sofrimento para atingir a autonegação. Schopenhauer cita Goethe, em sua obra *Fausto*, como exemplo de como um grande sofrimento pessoal pode levar à negação da vontade.

Deve-se evitar o sentimentalismo, ou seja, quando o sujeito é tomado por grande tristeza, mas não se eleva a um estado de resignação. Pois, para Schopenhauer, somente quando “o sofrimento assume a forma do simples e puro conhecer, e este, como quietivo da vontade, produz a resignação, é que se acha o caminho da redenção”¹⁰. Portanto, o que é chamado de negação da vontade, santidade, resignação, etc., sempre tem origem no quietivo da vontade. A diferença entre os dois caminhos expostos é que o primeiro é conhecido através da visão que ultrapassa o *principium individuationis* e o segundo é resultado de um sofrimento sentido.

A negação da Vontade de vida é, para Schopenhauer, o único ato de liberdade da vontade possível. E nada é mais contrário a este ato do que o suicídio, pois o suicídio é afirmação da vontade. O suicida quer viver, quer afirmar o corpo, mas, como não consegue, destrói apenas a aparência da vontade, a sua essência permanece intacta:

⁹ SCHOPENHAUER, 2015, p. 454, §68.

¹⁰ SCHOPENHAUER, 2015, p. 460, §68.

O suicida nega tão somente o indivíduo, não a espécie. Como à Vontade de vida a vida é sempre certa e a esta o sofrimento é essencial, o suicídio, a destruição arbitrária de uma aparência singular, é uma ação inútil e tola, pois a coisa em si permanece intacta como o arco-íris imóvel em meio à rápida mudança das gotas, que por instantes são seu sustentáculo¹¹.

O suicídio é o mais alto grau da contradição da Vontade de vida consigo mesma, reconhecida na luta contínua dos indivíduos pela sobrevivência, e no grau mais elevado de objetivação da vontade, a Ideia de humanidade, esta contradição atinge o nível de a vontade individual suprimir o corpo. Como o querer é infundável, a vontade se afirma através da supressão da sua aparência, e, ao destruir apenas a sua aparência, a coisa em si permanece. Segundo ele, o suicida reconhece a aparência da vontade como sendo a essência em si, e acredita que ao suprimir o corpo também suprime a vontade mesma. Logo, a vontade só pode ser suprimida pelo conhecimento de sua essência, só assim o sofrimento essencial de sua aparência pode ter fim.

Schopenhauer identifica a morte por inanição voluntária como um elevado grau de ascese. Nestes casos a negação da vontade atinge o nível que até o impulso pela conservação do corpo cessa e o asceta cessou de viver pois simplesmente cessou de querer¹².

Desta forma, a liberdade só é possível à vontade enquanto coisa em si, independente do princípio de razão. Em uma carta a um de seus discípulos Schopenhauer afirma: “o novo ato da Vontade não intervém como um buraco, mas arranca o fio inteiro [do princípio de razão]”¹³. Esta liberdade só se torna

¹¹ SCHOPENHAUER, 2015, p. 462, §69.

¹² SCHOPENHAUER, 2015, p. 464, §69.

¹³ FAZIO, 2018, p. 29.

evidente na aparência quando esta desaparece, a vontade entra em contradição com a aparência. O corpo é expressão da Vontade de vida, contudo, os motivos apresentados por esta não têm mais efeito, a morte é bem recebida pelo indivíduo. A contradição existente entre a determinação da vontade por motivos, enquanto sujeito dependente do princípio de razão, e a completa supressão do querer quando estes tornam-se impotentes, é dita contradição “real”¹⁴, pois surge da liberdade da vontade na necessidade de sua aparência. O estado em que os motivos já não provocam efeito no indivíduo para a sua ação surge de uma forma modificada de conhecimento. Enquanto que, sob o princípio de razão, todo querer é justificado por um motivo, no conhecimento que ultrapassa o *principium individuationis* a essência em si das coisas é identificada como a mesma vontade em todas as coisas e resulta em um quietivo completo de todo querer e todos os motivos individuais são suprimidos por essa nova forma de conhecimento.

Portanto, todo o caráter do indivíduo é suprimido, o que, segundo Schopenhauer, é chamado na doutrina cristã de “renascimento”, e o conhecimento em que o sujeito identifica a essência em si do mundo, de “efeito da graça”¹⁵. A autossupressão da vontade tem origem no conhecimento e este não é dependente do arbítrio, disso se segue que a negação da vontade não resulta de resolução, ou seja, este ato de liberdade da vontade de negar-se e suprimir o caráter chega como um efeito da “graça”¹⁶.

A definição kantiana de grandezas negativas

¹⁴ SCHOPENHAUER, 2015, p. 467, §70.

¹⁵ SCHOPENHAUER, 2015, p. 467, §70.

¹⁶ SCHOPENHAUER, 2015, p. 468, §70.

Kant busca neste texto pré-crítico aplicar os conceitos matemáticos na filosofia, em especial na metafísica. Segundo ele, entretanto, ao longo do tempo, muitas vezes os filósofos “armaram-se” contra a matemática, sendo que poderiam encontrar nela fundamentos precisos para a filosofia. A metafísica, por exemplo, poderia emprestar dados seguros da matemática para embasar seus fundamentos, na medida em que a geometria fornece fundamentos seguros acerca do espaço, por exemplo. Mas a especulação filosófica refuta estes argumentos, com base em que estes fundamentos são invenções e não a própria natureza da coisa.

Nesse contexto, Kant toma um conceito da matemática, o das grandezas negativas, e aplica-o à filosofia. Segundo ele, as grandezas negativas não são negações de grandezas, de fato elas são positivas, mas só são tomadas como negativas por se oporem à outra coisa.

Duas coisas são ditas opostas uma à outra quando uma suprime o efeito da outra. Esta oposição pode ser *lógica*, ou seja, afirmar e negar algo ao mesmo de tempo de uma mesma coisa, esta oposição resulta em *absolutamente nada* (*nihil negativum irrepraesentabile*), o que é expresso pelo princípio de não contradição. Acerca desta definição, Kant dá um exemplo de um corpo em movimento: “Um corpo em movimento é algo, um corpo que não está em movimento é também algo (*cogitabile*); no entanto, um corpo que, ao mesmo tempo, e justamente sob a mesma relação, estivesse e não estivesse em movimento é absolutamente nada”¹⁷.

A segunda oposição é a *real*, em que dois predicados são opostos, mas não contraditórios. Nesta oposição, alguma coisa é suprimida por outra,

¹⁷ KANT, 2005, p. 58.

mas o resultado é *algo (cogitabile)*, como um corpo que sofre uma força x para um lado, mas é oposto por uma força y de igual força, o que resulta em repouso. Segundo Kant, neste exemplo temos uma oposição verdadeira, visto que são predicados verdadeiros da mesma coisa, pertencem-na ao mesmo tempo. Como consequência, temos o *nada (nihil privativum, repraesentabile)*, que difere do nada de contradição. Kant passa a nomear este nada como zero, e seu significado é o de negação, ausência e carência.

Na oposição real, dois predicados opostos são afirmativos, porém a consequência de ambos atuando juntos no sujeito resulta em zero (nada). Os matemáticos, segundo Kant, utilizam os sinais $+$ e $-$ para sinalizar esta oposição, em que uma pode suprimir a outra completa ou parcialmente. As grandezas apenas recebem o sinal $-$ quando se quer opor a uma outra grandeza de mesma natureza.

A definição matemática de grandezas negativas diz que uma grandeza é negativa se só pode ser reunida à outra de mesma natureza por oposição. Assim, decidir se uma grandeza recebe o sinal $-$ é arbitrário, visto que ambas são *positivas*, só se aplica o sinal $-$ quando queremos opor uma coisa à outra, ou seja, no exemplo das forças x e y ambas são a grandeza negativa da outra, logo, é apenas uma convenção chamar de grandeza negativa aquela que é precedida pelo sinal $-$: “por exemplo: a negativa da ascensão é o declínio, com o que quero dar a entender não que um seja a negação do outro, mas que algo está numa oposição real com outro”¹⁸.

Kant faz quatro observações acerca das oposições. Primeira: as determinações que entram em conflito devem ser encontradas no mesmo

¹⁸ KANT, 2005, p. 63.

sujeito, do contrário não existe oposição alguma. Segunda: a oposição real uma das determinações não pode ser o contraditório lógico da outra, visto que resultaria em nada absoluto. Terceira: uma coisa pode apenas negar o que é posto pela outra, do contrário não existiria oposição. Quarta: ambas não podem ser negativas ao mesmo tempo, visto que nada seria suprimido pela outra. Portanto, em oposições reais, ambos os predicados são positivos, mas quando relacionados, ambos se suprimem e o resultado é zero. Para concluir, Kant denomina *privação* toda negação consequente de uma oposição real, e toda negação que não possui origem neste tipo de oposição deve ser chamada de *ausência*, pois,

a última não exige fundamento positivo algum, mas apenas a ausência dele; a primeira, entretanto, possui um fundamento de posição verdadeiro e um fundamento igual que lhe é oposto. O repouso num corpo é ou meramente a ausência, isto é, uma negação do movimento, na medida em que aí não há força motriz, ou uma privação, na medida em que se encontra força motriz, porém a consequência, a saber, o movimento, é suprimido por uma força oposta¹⁹.

Aplicação do conceito kantiano por Schopenhauer

Schopenhauer começa o §71 afirmando que quando todo querer é negado e suprimido abre-se caminho para o “nada vazio”²⁰. Mas, retomando Kant, ele afirma que o conceito de nada é relativo, sempre se relacionando a algo que ele nega. Isto significa, como foi afirmado acima nas palavras de

¹⁹ KANT, 2005, p. 66.

²⁰ SCHOPENHAUER, 2015, p. 473, §71.

Kant, que essa qualidade só é possível ao *nihil privativum*, ou nada “real”, em oposição ao nada absoluto, ou *nihil negativum*. Para Schopenhauer o nada absoluto não é possível, inclusive ele não é pensável, segundo ele tudo que é considerado nada absoluto pode ser classificado como *nihil privativum*, tudo que é chamado de nada é em relação à alguma coisa que existe, que é.

Portanto, Schopenhauer toma todo positivo como *ser*, em oposição ao *nada*, que é apenas esta negação relativa. O mundo como representação (espelho da vontade) é tomado como positivo, mas ele é apenas um lado deste mundo, nele tudo que existe deve estar sob o princípio de razão, existe enquanto objeto para um sujeito. Ao negar a vontade, desaparece o mundo, seu espelho.

Schopenhauer propõe, então, uma troca no ponto de vista. Assim como Kant diz que os sinais + e – são arbitrários, Schopenhauer diz que o que é o ser é o nada e vice-versa. Mas enquanto sujeito sob o princípio de razão só podemos descrever este nada como ser de maneira negativa. Portanto, ao reconhecer a essência em si do mundo como sendo a vontade reconhecemos também que a sua livre negação e supressão significa que todas as suas aparências também são suprimidas, incluindo aí as formas de tempo e espaço e sujeito e objeto: “nenhuma vontade: nenhuma representação, nenhum mundo”²¹.

Para Schopenhauer, é impossível adquirir conhecimento positivo desta experiência, só podemos nos remeter àqueles que atingiram tal estado, como os santos e ascetas. Não pode ser comunicado, pois já não existe a relação sujeito-objeto, todas as aparências foram suprimidas, e ao observar

²¹ SCHOPENHAUER, 2015, p. 476, §71.

tais sujeitos vemos, em vez da contínua luta daqueles que ainda possuem a Vontade de vida viva em si, uma completa calma e paz, “somente o conhecimento restou, a vontade desapareceu”²². Esta é, entretanto, a única posição que oferece algum consolo, pois como o sofrimento é essencial à aparência da vontade, ao mundo, então pela livre negação dela todo sofrimento finda. Por isso, então, “para aqueles nos quais a vontade virou e se negou, este nosso mundo tão real com todos os seus sóis e vias lácteas é – Nada”²³.

Referências bibliográficas

- FAZIO, Domenico M. **Um epistolário filosófico: a correspondência entre Schopenhauer e Johann August Becker**. Voluntas: Revista Internacional de Filosofia, v. 9, n. 1, p. 24-38, jul. 2018. ISSN 2179-3786. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/33544>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- KANT, Immanuel. **Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia**. In: Escritos Pré-Críticos. Tradução de Jair Barboza [et al.]. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, 1º tomo**. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente: Uma dissertação filosófica**. Tradução: Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

²² SCHOPENHAUER, 2015, p. 476, §71.

²³ SCHOPENHAUER, 2015, p. 477, §71.